ESTÁGIO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Larissa Costa Pereira
Universidade do Estado da Bahia Campus XII, Guanambi, BA, Brasil.
laryss7469@gmail.com
Lívia Monielle Freire Silva Gomes
Universidade do Estado da Bahia Campus XII, Guanambi, BA, Brasil.
liviamonielle31@gmail.com
Josimara Oliveira Reis
Universidade do Estado da Bahia Campus XII, Guanambi, BA, Brasil.
josimara13gbi@gmail.com
Jegiane Moreira Abrantes Santos
Universidade do Estado da Bahia Campus XII, Guanambi, BA, Brasil.
jegi.mo123@gmail.com
Solange Montalvão de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
somoliveira@uneb.br

EIXO 4: EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO, TRABALHO E AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO POPULAR; EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O TRABALHO DE EDUCAR EM E COM MOVIMENTOS SOCIAIS

Guanambi-BA, 21 de agosto de 2025

Prezada comunidade acadêmica,

Nós, graduandas do curso de licenciatura em Pedagogia do 5º semestre noturno, vamos relatar a nossa vivência no estágio em um espaço de educação não formal. Com um olhar atento e uma escuta sensível, buscamos observar como se dá o desenvolvimento de atividades de Língua Portuguesa, denominadas aqui de práticas de linguagens por meio de atividades de leitura, produção de textos e oralidade, bem como as interações entre as pessoas que frequentam esse espaço, fazendo uso dessas práticas. Além disso, queremos salientar também que essa experiência ampliou a nossa visão como futuras pedagogas sobre a importância do estímulo do

uso das variadas linguagens em espaços de educação não formal, como fator de interação entre os indivíduos, contribuindo para uma formação acadêmica mais humana.

A educação não formal, cara comunidade acadêmica, é caracterizada pela flexibilidade, participação voluntária e foco no desenvolvimento integral dos sujeitos, atuando de forma complementar à escola, proporcionando uma formação cidadã baseada em valores sociais, pois, conforme destaca Brandão (1985, p. 9) "Não há uma forma única nem um único modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor". Isso nos ajuda a compreender que a educação também ocorre fora dos muros da escola e, geralmente, faz-se mediante o uso de atividades cuja intenção é educar, todavia, de um modo mais livre, mais suave e com menos rigor.

A partir do nosso estágio nos espaços de educação não formal, praticamos e aprimoramos a metodologia da escuta sensível, baseada na empatia, confiança, coerência e observação. Segundo Cancherini, Franco e Pontes (2012), a escuta sensível é utilizada como instrumento metodológico que possibilita o desenvolvimento da cultura da colaboração entre os sujeitos, portanto, proporciona a construção de comunidades de aprendizagem. Nessas comunidades são desenvolvidos o diálogo, o respeito, a escuta e a compreensão das diferenças culturais e sociais entre os sujeitos participantes.

O nosso estágio não formal, prezada comunidade acadêmica, foi realizado em dois espaços. O primeiro deles foi o Lar dos Velhinhos de Guanambi, sendo que o nosso objetivo foi observar como são desenvolvidas as atividades que estimulam a linguagem dos idosos a fim de avivar a memória e a expressão desses sujeitos. Nesta carta, compartilhamos um pouco da nossa experiência vivenciada nesse espaço e como isso contribuiu para ampliar a nossa visão de mundo sobre as pessoas que, por diversas razões, vivem a sua velhice em comunidades como essa. O Lar dos Velhinhos de Guanambi, embora não seja um espaço voltado para práticas escolares, conta com alguns livros e materiais simples que são usados para a prática da leitura. Entretanto, apenas alguns idosos demonstram interesse por leitura ou por outras atividades como fazer "continhas", por exemplo.

Essa foi uma das razões que nos motivou a realizar algumas atividades com o público do Lar dos Velhinhos. O espaço nos disponibilizou alguns materiais para trabalharmos com os idosos, como lápis de cor e folhas de papel para desenho. Os demais recursos como argila, papel

crepom e imagens diversas foram levados por nós. As atividades tiveram o objetivo de incentivar a memória afetiva e a socialização dos velhinhos e velhinhas que ali viviam e conviviam. Usamos recursos que foram produzidos por eles, como quebra-cabeças, modelagem e contação de histórias. Mesmo simples, esses materiais ajudaram na participação dos idosos e no resgate de suas lembranças.

A comunicação se deu, principalmente, pela oralidade que "compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face [...]" (Brasil, 2018, p. 78). Como percebemos que muitos(as) idosos(as) gostavam de conversar e contar histórias, assim, estimulamos esses momentos, ouvindo-os(as) e incentivando a participação de todos(as) para maior interação entre eles(as). Também observamos como eles(as) faziam uso da linguagem não verbal, como gestos e expressões faciais que foram usados para ampliar a comunicação oral. As atividades foram realizadas de forma interativa, para facilitar o envolvimento geral.

Podemos destacar que, no Lar dos Velhinhos de Guanambi, no que diz respeito às práticas de linguagem, a leitura é bastante limitada, mas a oralidade esteve sempre presente nos momentos em que essa foi estimulada. Mesmo sem uma proposta de produção textual formal, eles(as) comunicaram suas ideias por meio de desenhos, montagens e modelagens que também funcionaram como formas simbólicas de expressão, uma vez que cada um(a) falava sobre o que tais manifestações representavam. Notamos ainda a presença do uso de variações linguísticas próprias de várias regiões na fala dessas pessoas, o que tornou as conversas mais ricas e ampliou o respeito às diversas formas de falar de cada pessoa, bem como o conhecimento de expressões usadas em outros lugares. Nesses momentos, conversamos sobre a importância de aceitar toda e qualquer forma de uso da língua, mostrando que, quando isso não acontece gera o preconceito linguístico, pois, como destacam Oliveira e Mendes (2017, p. 298),

> O preconceito, seja de qualquer natureza, maltrata, fere e exclui. E o linguístico não é uma exceção. Quando a pessoa percebe que a sua fala é motivo de deboches, além de se sentir envergonhada, ela se fecha em sua linguagem verbal, provocando uma espécie de "mutismo social". Tal estado impede que a pessoa expresse seus pensamentos e opiniões, que participe ativamente das discussões nos espaços sociais e que interaja por meio da linguagem.

Queremos salientar, caros(as) colegas acadêmicos(as), que essa experiência foi muito importante para nossa formação. Aprendemos que, mesmo em espaços não escolares, é possível

criar momentos educativos, respeitando o ritmo e a vivência de cada sujeito. Além disso, compreendemos ainda que, ao sairmos dos muros da universidade para outros espaços de educação, levamos muitos conhecimentos que vão ao encontro de outros lá existentes e, nessa junção, percebemos o quão essas experiências são significativas para o nosso crescimento pessoal e profissional.

O outro espaço de educação não formal que também escolhemos para realizar o estágio foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Neste caso, cara comunidade acadêmica, o objetivo do trabalho foi investigar as experiências das pessoas atendidas pela APAE, identificando os benefícios proporcionados por essa instituição e o desenvolvimento das atividades que são oferecidas para melhor estimulação dessas pessoas.

Durante as observações realizadas, percebemos que o espaço conta com materiais de leitura variados, como textos verbais, não verbais e multimodais, que são utilizados em sala de aula e expostos nas paredes. Esses recursos garantem que os atendidos tenham contato constante com a leitura. Foi possível observar ainda o uso de diferentes gêneros de textos, como cartazes informativos que falam sobre cuidados pessoais e datas comemorativas, como o Dia da Mulher. Outro gênero textual presente foram as receitas culinárias, que são trabalhadas não somente como material de leitura, mas também como instrumento de orientação para colocar em prática o preparo de algumas delas pelas pessoas atendidas pela APAE. Além disso, a música também se fez presente, combinando a melodia, o ritmo e os movimentos corporais. A interação entre as crianças, adolescentes e funcionários(as) acontece tanto pela linguagem oral, através de conversas e orientações, como também pela linguagem não verbal, como gestos, expressões corporais e desenhos, ajudando na compreensão das mensagens.

No geral, percebemos que poucos atendidos sabem ler e muitos têm dificuldades para falar de forma clara. A escrita quase não é utilizada, pois a maioria dos(s) atendidos(as) não consegue produzir textos escritos sozinhos(as). Também foi possível notar que cada pessoa tem seu próprio jeito de falar, com diferentes modos de usar a língua, presentes nas expressões diárias, de acordo com o que aprenderam em seus lugares de origem, mas que são respeitados por todos.

Diante disso, prezada comunidade acadêmica, compreendemos que as experiências vivenciadas nos espaços de educação não formal nos dão a oportunidade de conhecer uma

realidade através da escuta sensível e do olhar que vai além dos limites da escola, além de reconhecer as diversas formas de ensinar e aprender. Observamos, por exemplo, que, no Lar dos idosos, poucos tiveram e têm contato com materiais de leitura e escrita. Nesse espaço, prevalece a oralidade como forma de desenvolver atividades que estimulam a vivência e a memória dessas pessoas. Já na APAE, eles têm mais contato com materiais de leitura e de escrita, sendo esses utilizados de acordo com as necessidades das crianças e adolescentes. A linguagem oral também prevalece nesse espaço, mas, os(as) atendidos(as) ali também se comunicam através de cartazes, como linguagem multimodal, bem como outras formas de linguagem (gestos, expressões faciais e movimentos corporais) que se destacam como alternativas ricas e eficazes de comunicação.

Entendemos que, a leitura nos espaços não formais extrapola o papel tradicional do uso predominante só de materiais escritos, como acontece em muitas escolas. Ela se manifesta através da escuta atenta, da oralidade, das imagens e das experiências cotidianas, valorizando o repertório de cada sujeito. Essa vivência ampliou nossa compreensão sobre os múltiplos modos de ler e escrever o mundo, reforçando o nosso compromisso com uma prática pedagógica inclusiva, sensível e significativa.

Tanto o Lar dos Velhinhos de Guanambi como a APAE nos mostraram que a educação não formal é de extrema importância, por representarem espaços de escuta, acolhimento e valorização da individualidade. Como futuras pedagogas, cara comunidade acadêmica, destacamos que saímos dessa vivência com um outro olhar, mais preparadas para atuarmos com mais empatia, compromisso e respeito pelo outro, conscientes de que educar é acima de tudo não só alfabetizar, mas compartilhar vivências, cuidados, histórias e saberes de cada sujeito.

Atenciosamente,

Graduandas em Pedagogia e professora do curso

Palavras-chave: Educação Não Formal; estágio; leitura; oralidade; escrita.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB, 2018.

CANCHERINI, Ângela; FRANCO, Maria; PONTES, Rosana. A escuta sensível como instrumento metodológico na formação inicial de docentes. **CAMINE: Caminhos da Educação**, São Paulo, v. 4, n. 2, 2012.

OLIVEIRA, Solange Montalvão de; MENDES, Edleise. Problematizando o ensino-aprendizagem de língua materna. *In*: TRINDADE, Domingos Rodrigues da; PEREIRA, Eugênia da Silva; CARVALHO, Maria de Fátima Pereira; OLIVEIRA, Sandra Alves de (org.). **Práticas educativas, currículo e formação**: olhares múltiplos. Fortaleza: RDS, 2017, p. 291-306.